

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA (ORGANIZADOR)

ARTE E CULTURA:



PRODUÇÃO, DIFUSÃO E REAPROPRIAÇÃO 3

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA (ORGANIZADOR)

ARTE E CULTURA:



PRODUÇÃO, DIFUSÃO E REAPROPRIAÇÃO 3

Atena
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Arte e cultura: produção, difusão e reapropriação 3

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
A786	Arte e cultura: produção, difusão e reapropriação 3 / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0973-1 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.731231001 1. Arte. 2. Cultura. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título. CDD 306.47
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

As relações entre o conhecimento artístico ou estético e o conhecimento científico sempre existiram, do ponto de vista das produções simbólicas do homem. Já haviam, antes da criação de um método científico, surgido de uma visão racionalista e empirista, os modos de conhecimento se pautavam em explicações que acalentavam as inquietações humanas, a exemplo temos o conhecimento mítico, o filosófico e o artístico.

O mítico, que beira o religioso se baseava principalmente em explicações exteriores e anteriores à construção do homem, mas se baseando nos aspectos mais intrigantes do imaginário humano e se perfazendo em torno da construção própria do destino.

O filosófico partia, em parte da observação e do questionamento sempre presente sobre as atitudes e emoções humanas. E, por fim, o artístico, sendo influenciado por ambos os anteriores, representava numa espécie de mimese o que era colhido nas entranhas humanas.

Nesse aspecto, o vínculo entre os três modos de conhecer era responsável pela evolução de cada um, onde o constante diálogo e interação entre eles inspiravam constantemente um ao outro.

Surge então, pelas guinadas da lógica e na evolução do racionalismo, o estabelecimento do método científico pautado na experimentação e delimitação precisa dos caminhos para a aquisição do conhecimento.






Onde havia um espaço aberto à colaboração, se restringe às premissas de um seletivo grupo que por algum tempo definem o que pode ser considerado científico ou não.

No entanto, essas barreiras entre o científico e o artístico estão novamente mescladas e as discussões sobre o fazer científico num viés artístico se encontram cada vez mais presentes na atualidade.

Pensando nisso, a coletânea *Arte e Cultura: Produção, Difusão e Reapropriação*, em seu terceiro volume, reúne catorze artigos que abordam algumas pesquisas envolvendo a interseção entre arte e cultura.

Uma boa leitura!


Ezequiel Martins Ferreira

CAPÍTULO 1	1
DESMONTAGEM “UJI – O BOM DA RODA”: MÚSICA E CORPORALIDADE PARA UMA DRAMATURGIA DO MÚSICO-ATUADOR	
Eduardo Conegundes de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7312310011	
CAPÍTULO 2	10
MUSEUS E ACERVOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA DO TEATRO DE FORMAS ANIMADAS NO BRASIL	
Igor Erbert	
Raphael Leon de Vasconcelos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7312310012	
CAPÍTULO 3	20
O AMOR É UM BANQUETE NO QUAL ME ALIMENTO: ABERTURAS POSSÍVEIS PARA A PROSA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA NO ROMANCE A GORDA, DE ISABELA FIGUEIREDO	
André Carneiro Ramos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7312310013	
CAPÍTULO 4	33
TROPICÁLIA NEGRA: AMÉRICA LATINA, TRADIÇÃO, MODERNIDADE E INTERCULTURALIDADE CRÍTICA PERCEBIDAS NO MOVIMENTO TROPICÁLIA	
Davi Ebenezer Ribeiro da Costa Teixeira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7312310014	
CAPÍTULO 5	46
REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO CRIATIVO DO CANTOR NA INTERPRETAÇÃO VOCAL	
Lucila Tragtenberg	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7312310015	
CAPÍTULO 6	58
PRÁTICAS INTERPRETATIVAS À LUZ DA PROPOSTA MUSICOPEDAGÓGICA CDG: EXPERIÊNCIAS PARA O ENSINO COLETIVO DE TROMBONE	
Michele Girardi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7312310016	
CAPÍTULO 7	80
“PIANODEMIA” PROJETO DE EXTENSÃO PIN - PRODUÇÃO ARTÍSTICA/ CULTURAL, EDUCACIONAL E CIENTÍFICA NO PERÍODO DA PANDEMIA COVID-19	
Alfeu Rodrigues de Araújo Filho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7312310017	

CAPÍTULO 8 91

NELSON FARIA - NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA DE UM PROFESSOR DE MÚSICA


Wanderson Ferreira Bomfim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7312310018>

CAPÍTULO 9 103

ASPECTOS DA CULTURA DA FALA E LINGUAGEM EM SAUSSURE: UMA LEITURA DO SERTÃO DE CANUDOS

Marcio Ronaldo Rodrigues Vieira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7312310019>

CAPÍTULO 10..... 118

UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PARA A ESCOLA ESTADUAL FIRMINO COSTA


Daniel Jacob de Oliveira

Janaina Faleiro Lucas Mesquita

Vasco Caldeira da Silva

Elisa Reis Moreira

Mariana Lobato Garcia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.73123100110>

CAPÍTULO 11 128

PROTEÇÃO E PERTENCIMENTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE PERDÕES (MG): UM ESTUDO CIENTÍFICO

Tales Wendeu Placedino Gomes

Janaína Faleiro Lucas Mesquita


Adriano Rodrigues

Marisa Aparecida Pereira

Laura Barbosa Andrade

Naiany Veloso Silva Lehmkuhl

Lara Carvalho Bauth

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.73123100111>

CAPÍTULO 12..... 139

PATRIMÔNIO CULTURAL LAVRENSE: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Laura Barbosa Andrade

Janaína Faleiro Lucas Mesquita


Adriano Rodrigues

Marisa Aparecida Pereira

Tales Wendeu Placedino Gomes

Lara Carvalho Bauth

Claudimar de Souza Neves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.73123100112>

CAPÍTULO 13.....151**CAMINHOS CULTURAIS: DO IFBA, CAMPUS SALVADOR, AO FORTE DO BARBALHO**

Catiane Rocha Passos de Souza

Solange Maria de Souza Moura

Maria Lucileide Mota Lima


Marijane de Oliveira Correia

Nadson Silva dos Santos


Pablo Vieira Florentino

Mirella Rodrigues

Jair Souza de Santana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.73123100113>**CAPÍTULO 14..... 164****ARTE NA ESCOLA: PROCESSOS DE IDENTIDADE E CULTURA EM UMA ESCOLA DO CAMPO**

Isabel Soares de Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.73123100114>**SOBRE O ORGANIZADOR 174****ÍNDICE REMISSIVO 175**

CAMINHOS CULTURAIS: DO IFBA, CAMPUS SALVADOR, AO FORTE DO BARBALHO

Data de aceite: 02/01/2023

Catiane Rocha Passos de Souza

Doutora pelo Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade na UFBA. Professora do IFBA - Campus Salvador. Pesquisadora e líder do Grupo de Pesquisa GPEC (IFBA)

Solange Maria de Souza Moura

Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Educação FAGED - UFBA. Professora do IFBA- Campus Salvador. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa GPEC (IFBA)

Maria Lucileide Mota Lima

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação FAGED - UFBA. Professora do IFBA- campus Salvador. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa GPEC (IFBA)

Marijane de Oliveira Correia

Mestra pelo Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade na UFBA. Professora do IFBA - Campus Salvador. Pesquisadora e líder do Grupo de Pesquisa GPEC (IFBA)

Nadson Silva dos Santos

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFSC. Professor do IFBA – Campus Camaçari. Pesquisador, membro do Grupo de Pesquisa GPF (IFBA)

Pablo Vieira Florentino

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo na UFBA. Professor do IFBA - Campus Salvador. Pesquisador do Grupo de Pesquisa GPEC (IFBA)

Mirella Rodrigues

Discente em Licenciatura em Geografia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) Campus Salvador

Jair Souza de Santana

Discente em Licenciatura em Geografia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) Campus Salvador

RESUMO: O presente artigo resulta de uma das reflexões promovidas pelo/no projeto “Caminhos culturais: do IFBA, Campus Salvador, às atividades do seu entorno” que tem como objetivo principal mapear os caminhos entre o IFBA, Campus Salvador, e as atividades culturais do perímetro Barbalho – Lapinha – Santo Antônio. O artigo apresenta uma discussão transdisciplinar, envolvendo aspectos do território, das histórias, das memórias e das

ressignificações do Forte do Barbalho ao longo de sua existência. Nosso intuito é contribuir nos debates sobre as políticas e ações voltadas às práticas culturais em desenvolvimento no Forte do Barbalho. Nesse contexto, também almejamos contribuir para o estreitamento das relações comunitárias entre o IFBA, Campus Salvador, e as comunidades de seu entorno.

PALAVRAS-CHAVE: Caminhos Culturais. Forte do Barbalho. IFBA. Salvador. Bahia.

ABSTRACT: This article results from one of the reflections promoted by/in the project “Cultural paths: from the IFBA, Campus Salvador, to the activities in its surroundings” whose main objective is to map the paths between the IFBA, Campus Salvador, and the cultural activities from the Barbalho – Lapinha – Santo Antônio perimeter. The article presents a transdisciplinary discussion, involving aspects of the territory, histories, memories and reinterpretations of Forte do Barbalho throughout its existence. Our aim is to contribute to debates on policies and actions aimed at cultural practices being developed in Forte do Barbalho. In this context, we also aim to contribute to the strengthening of community relations between the IFBA, Campus Salvador, and the surrounding communities.

KEYWORDS: Cultural Paths. Barbalho Fort. IFBA. Salvador. Bahia.

1 | O PROJETO “CAMINHOS CULTURAIS: DO IFBA, CAMPUS SALVADOR, ÀS ATIVIDADES DO SEU ENTORNO”

Cerca de seis mil pessoas constituem a comunidade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Campus Salvador, localizado no bairro Barbalho¹. Essas pessoas frequentam assiduamente o Campus, além dos visitantes, familiares de estudantes e servidores, curiosos, parceiros etc. A presença do Campus IFBA no Barbalho, desde 1926, é muito significativa, tanto por sua estrutura física, quanto pelo movimento no bairro, gerando uma dinâmica intensa e contínua. Convém destacar que os vínculos dos corpos afetados - entre a comunidade interna do IFBA e as Comunidades do entorno do Campus - é uma potência de transformação para ambos, à medida que a própria consciência sobre esses espaços culturais repercute no sentido de pertencimento.

Assim, a geografia do bairro é totalmente afetada pela presença do Campus, mas também e, sobretudo, o Campus é afetado pela vida que acontece no seu entorno, e da qual, muitas vezes, desconhece, ou para a qual se aparenta alheio. Na perspectiva de reconhecer, de visibilizar e de promover as práticas culturais que promovem o relacionamento entre o Campus e as comunidades do seu entorno é que surgiu em 2020 a pesquisa Mapeamento Cultural da qual se desmembrou o projeto “Caminhos culturais: do IFBA, Campus Salvador, às atividades do seu entorno”, uma iniciativa de pesquisadoras da Linha de pesquisa Cultura, Mídia e Processos Sociais do Grupo de pesquisa Educação, Cultura e Processos Sociais (GPEC) do IFBA.

1 Tradicional bairro, localizado no Centro da cidade de Salvador, e tem como bairros vizinhos: Nazaré e Santo Antônio Além do Carmo. Está localizado na Região Administrativa Centro (I). Em 2021, consta com cerca de 9.227 habitantes, segundo dados da Prefeitura Municipal de Salvador, http://casacivil.salvador.ba.gov.br/orcamentos/PPA_2018_2021/include/files/8-%20REGIONALIZA%C7%C3O.pdf. Acesso em 19 abril 2022.

Em 2021, o Projeto lançou o Portal² Mapa Cultural, no qual apresenta a equipe, o acervo da pesquisa e o Mapa que consta de 61 pontos de cultura dos bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo. Além do reconhecimento da cultura, a importância do Projeto deve-se também à possibilidade de valorização dos territórios - de suas histórias e de suas populações. Nesse sentido, o mapeamento dos caminhos culturais tende a fomentar, a partir de seus resultados, o planejamento de políticas voltadas às práticas culturais dessas localidades. Ademais, as externalidades positivas que podem ser geradas do ponto de vista urbanístico, como o adensamento de circulação de pessoas nas ruas do entorno, melhorando a sensação de segurança, fortalecimento do comércio local de rua, dentre outras.

Os efeitos das interações digitais são variados, complexos e algumas vezes contraditórios social e culturalmente. Os pontos de encontro online, embora derrubem fronteiras e agrupamentos preestabelecidos, podem simultaneamente reforçar relações coletivas ou dar origem a novas relações. Criam situações em que indivíduos se posicionam menos como membros limitados de grupos civis independentes, e mais como pontos de interseção de múltiplas categorias espacialmente difusas (MITCHELL, 2002, p. 143).

O acesso a esses caminhos culturais poderá fomentar uma diversidade de ações e projetos futuros voltados à valorização e sustentabilidade de nossas expressões artísticas (artesanato, cinema, audiovisuais, literaturas, artes visuais, arquitetura, música, teatro, dança, entre outras), ao melhoramento de serviços relacionados à cultura (museus, teatros, antiquários, gastronomia, monumentos, entre outros), ao fortalecimento de nossas manifestações culturais (capoeira, ternos de reis, maracatu, blocos de carnaval, samba, afoxés, dentre outras). Outro aspecto inovador do projeto é o foco cooperativo, ou seja, trata-se da perspectiva de uma produção coletiva, em que a própria comunidade, do Campus e de seu entorno, colabore e se reconheça na produção de narrativas, fotos, vídeos, depoimentos, comentários, histórias, dicas, orientações etc.

Para mudar o mundo urbano precisamos de uma heresia compartilhada, de uma narrativa comum. Temos então de tentar vencer o isolamento e atar as pontas das movimentações que questionam a imagem vigente e o projeto dominante de cidade, que caracterizam a vivência atual da urbe. (RISÉRIO, 2020, p.27)

Para tratar de práticas culturais faz-se necessário apresentar a concepção de cultura da qual partimos no projeto. A concepção de cultura é bastante diversificada, complexa, fonte de grandes debates no meio acadêmico. A cultura pode representar o patrimônio de um grupo social, sendo o conjunto dos comportamentos humanos, e que envolve: conhecimentos, experiências, atitudes, valores, crenças, religião, língua, hierarquia, relações espaciais, noção de tempo, conceitos de universo etc. A cultura também pode ser conceituada como a aprendizagem social, acumulada ao longo dos tempos, histórica,

² <https://portal.ifba.edu.br/cultura>.

heterogênea e dinâmica.

Na obra “A ideia de cultura”, Terry Eagleton (2005) discute as diversas concepções de cultura, faz crítica a cada uma dessas, revelando uma complexidade em torno do conceito. Já no primeiro capítulo da obra, o autor critica a redução da cultura ao “punhado de obras artísticas”. O autor defende a ideia de cultura enquanto criatividade, relações sociais, capacidade dialética e força transformadora em uma sociedade. Já em Antônio Gramsci (1999), a compreensão da esfera cultural é indissociável da esfera social e política. Enfim, o termo cultura configura inúmeras ideias. No entanto, é possível afirmar que a cultura constitui diversos processos da vida social, de forma consciente e inconsciente, envolve a produção dos símbolos, os modos de apreciação e produção estética, os hábitos de consumo etc.

Por fim, neste projeto, entendemos cultura como processos que envolvem criatividade, diversidade e pluralidade, representações simbólicas, relações sociais e políticas, capacidade dialética e força transformadora em uma sociedade. Por isso, além das expressões artísticas, o projeto engloba serviços e manifestações materiais e imateriais diversas da cultura no recorte espacial definido. Outra dimensão muito importante é que o projeto se pretende cooperativo, dando voz aos sujeitos das comunidades do Campus e de seu entorno. É uma maneira de criar outras alternativas, na perspectiva daquilo que Milton Santos (2001) chamou de uma outra globalização, mais horizontal, mais humana. Essas características fazem do projeto um mecanismo de romper fronteiras entre a comunidade científica-acadêmica, do Campus IFBA Salvador, e as populações de seu entorno. Além disso, os objetivos do projeto indagam sobre as noções de inteligência na produção voltada à vida urbana.

A criatividade³ é um requisito para chegar à definição de cidade Inteligente (BATTY et al, 2012), não se trata explicitamente do uso de tecnologias de informação e comunicação para dotar as comunidades de “inteligência”, mas de conhecer inicialmente os anseios e as demandas dessas comunidades e seus próprios recursos de inteligência (CRAIG; HARRIS; WEINER, 2002; FLORENTINO; PEREIRA; ROCHA, 2013; MURGANTE et al, 2011; PEREIRA; FLORENTINO; ROCHA, 2015). Qualquer plataforma para desenvolvimento de uma cidade inteligente e sustentável deve inicialmente agregar e analisar dados da realidade. Nesse sentido, o projeto se constitui a partir de mapeamento prévio das práticas culturais no perímetro definido. Além disso, busca envolver os cidadãos em seus processos produtivos para que esses cidadãos tenham confiança e integrem os mecanismos de inteligência. Nessa perspectiva, a dimensão de sustentabilidade amplia-se para as práticas culturais que possuem grande significado nas comunidades do IFBA, Campus Salvador, nas comunidades do Barbalho, da Lapinha e do Santo Antônio Além do Carmo.

Em seu mapeamento de referências culturais, Carlota de Sousa e Mariely Cabral

³ Fayga Ostrower (2002) nos apresenta a ideia de criatividade como uma ação intencional e que parte da premissa de uma percepção consciente do ser humano. A autora situa-a na tríade inseparável Ser consciente - sensível - cultural.

(2007) ressaltam como a inserção de novas tecnologias, que partiram de uma ação afirmativa do governo do estado, reafirmou o caráter criativo que sempre caracterizou os bairros, onde há uma forte presença das manifestações culturais na cidade de Salvador. Com isso, podemos constatar que a articulação de movimentos para a criação de políticas públicas de valorização é essencial para as dinâmicas que envolvem os processos de reconhecimento cultural. E a produção dos Caminhos Culturais⁴ é uma via para a fomentação dessas políticas.

2 I FORTE DO BARBALHO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E RESSIGNIFICAÇÕES

A diversa realidade histórica do Forte do Barbalho e as memórias reavivadas na incursão dos Caminhos Culturais não podem ser miradas sob um único parâmetro. O conhecimento sobre essas histórias e sua reatualização é aqui compreendido, como polissêmico, inter, multi e transdisciplinar.

A transdisciplinaridade abarca a base cultural do conhecimento construído no âmbito inter e multidisciplinar e o supera à medida que transgrida as fronteiras (inexistentes) entre os campos de conhecimento (erigidos pelas sociedades disciplinares no final do século XVII). A transdisciplinaridade representa, ainda, a tentativa de superar a crise de fragmentação em que vive a humanidade e o conhecimento humano à medida que, a percepção da complexidade da realidade, nos possibilita conjugar os diferentes saberes. É no campo da cultura que diferentes e diversos saberes atuam.

A história do Forte do Barbalho reatualiza o território simbólico desse espaço cultural, também, ao tornar possível que memórias não vividas possam ser recriadas na experiência da partilha dos Caminhos Culturais sobre o seu passado e as ressignificações na atualidade. O Caminho Cultural pelo Forte do Barbalho é trilhado por experiências de dor, lutas, austeridade, confrontos, produção e criação artística.

A primeira construção do Forte do Barbalho, por volta de 1638, era de torrão (terra endurecida) e cercada por um fosso. Ficou conhecida pelo nome de Luiz Barbalho Bezerra (1590-1644), pernambucano responsável pelas obras iniciais do forte e que se destacou na luta contra os holandeses. O Forte atual, inaugurado em 25 de agosto de 1736, é a maior fortificação construída na Bahia e segue os princípios da arquitetura militar medieval. Tem formato quadrangular, com cerca de 16 mil m², fora as defesas externas, que desapareceram ao longo dos séculos. Construído em alvenaria de pedra e cal, com um torreão circular e três baluartes nos cantos com guarita nos vértices. Tem portada em tribuna. O muro que cerca o Forte tem, em média, cinco metros de altura, 41 bombardeiras e era circundado

4 Em 2022, o projeto visa publicar 15 vídeos-documentários dos Caminhos Culturais Barbalho-Lapinha-Santo Antônio Além do Carmo, intitulados: 1. Caminhos do Carnaval; 2. Caminhos do Cinema; 3. Caminhos da arte e arquitetura; 4. Caminhos da inclusão; 5. Caminhos da arte/artesanato; 6. Caminhos dos teatros e performances; 7. Caminhos dos Museus; 8. Caminhos das religiões; 9. Caminhos da música; 10. Caminhos da Cidadania Baiana; 11. Caminhos da Literatura; 12. Caminhos da Arte Urbana e intervenções artísticas; 13. Caminhos da Educação; 14. Caminhos da Gastronomia; 15. Caminhos da Capoeira.

por um fosso de 2,5 metros de profundidade. Até meados do século 19, possuía uma ponte levadiça sobre esse fosso. Possui uma monumental cisterna subterrânea, coberta com abóbadas, sob o pátio de armas.



Imagem 01: Entrada do Forte do Barbalho

Fonte: Arquivo da Pesquisa

Um resumo da linha do tempo do Forte: 1802, cerca de 300 prisioneiros franceses estiveram no Forte, além de prisioneiros ingleses. Na Batalha da Independência (02/07/1823), o alferes José Adrião de Lemos, do exército brasileiro, tomou posse do Forte, hasteou a bandeira brasileira, pela primeira vez na Cidade, e salvou-a com vinte e um tiros de canhão. Foi o espaço de prisão de muitos dos escravos Malês do levante de 1835. Em 1837, na Sabinada, o Forte serviu de reduto para os revolucionários. De 1845 a 1864, foi cadeia pública. Em 1859, o Imperador D. Pedro II visitou os presos do local.

Em 1868, o Forte ficou à disposição de imigrantes, como residência provisória, enquanto havia a demarcação de seus lotes de terra. De 1874 a 1878, abrigou as enfermarias do Lazareto de S. Lázaro, até a transferência para a Quinta dos Lázaros. Entre 1885 e 1892, foi enfermaria na epidemia de varíola. Já em 1892, como quartel de artilharia, abrigou o 5º Batalhão. Em 10 de janeiro de 1912, foi usado no episódio terrível de Bombardeio a Salvador. Já em 1917, Primeira Guerra Mundial, abrigou marinheiros e oficiais alemães. Em 1940, foi Centro de Preparação dos Oficiais da Reserva. Somente em 1957, o Forte tornou-se patrimônio nacional, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Nos anos 70, “página infeliz da nossa história”, como anuncia Chico Buarque, foi o principal centro de tortura da Ditadura Militar. Em 1982, abrigava o 7º Batalhão de Polícia Militar.

A partir de 2006, o Forte não teve mais uso militar. Abrigou o Projeto Casa dos Objetos Mágicos do Iphan, com curso de confecção de objetos utilizados em rituais de

Candomblé. Desde 2010, o Forte passou a agregar ateliês de diversos artistas e profissionais, principalmente, da produção audiovisual da Bahia. Em 2014, 50 anos do golpe militar de 1964, no Forte aconteceu um ato organizado pelo Comitê Baiano da Comissão da Verdade, no qual reuniu pessoas que lá estiveram detidas, muitas delas torturadas.

O Documentário experimental “A noite escura da alma” (2015), de 92 min, dirigido por Henrique Dantas, trata da ditadura civil e militar ocorrida no estado da Bahia, traz os depoimentos do ex-ministro da Cultura Juca Ferreira, da cineasta Lúcia Murat, do ex-deputado federal pela Bahia Emiliano José, do juiz Theodomiro dos Santos, condenado à morte durante os anos do regime militar, do antropólogo e professor universitário Renato da Silveira, e de outros que revelaram como sobreviveram à ditadura. Grande parte das entrevistas foi gravada no Forte do Barbalho, marcado por ter sido o maior centro de tortura da Bahia na época. O filme traz relatos de prisões, perseguições e torturas vividas nesse espaço.

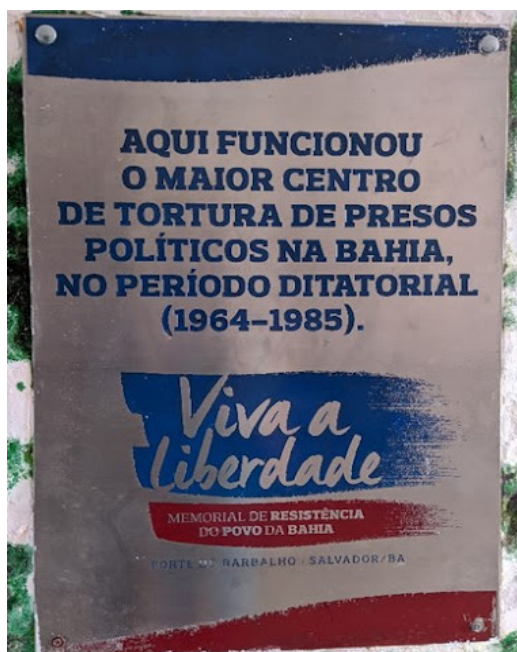


Imagem 02: Placa Memorial de Resistência no Forte

Fonte: Arquivo da Pesquisa

A partir de 2014, O Forte abriga o Bahia Criativa - escritório público de atendimento e suporte a profissionais e empreendedores que atuam nos setores criativos, convênio entre o Ministério da Cultura e o Governo da Bahia. O Forte ganhou um novo significado, hoje é conhecido como Forte de Serviços Criativos. A seguir citamos alguns dos profissionais e empreendedores, atualmente, abrigados no Forte:

Gringo Freitas - Cenógrafo, cenotécnico e design: Foi o primeiro a se estabelecer no Forte, em 2007, com o projeto Bahia Film Commission, do Governo do Estado da Bahia, criado para fomentar a arte cinematográfica e teatral no Forte do Barbalho. Além de artista, Gringo Freitas, morador do Bairro Santo Antônio Além do Carmo, é um excelente professor, pois passou seus conhecimentos a outros jovens, principalmente, os da região do Barbalho. Ressaltamos aqui a importância de sua atuação por reencenar no espaço do Forte relações de aprendizagens (em espaços informais) vividas por mestres, artistas e artífices.



Imagem 03: Ateliê de Gringo – Forte do Barbalho

Fonte: Arquivo da Pesquisa

Maurício Martins - figurinista: O figurinista alocou no Forte, desde 2007, seu “Acervo Boca de Cena”, maior do Norte e Nordeste que reúne figurinos, adereços cênicos para teatro, roupas de festa e de época.

Luciano Reis Santos – iluminador: coordenador de equipes de montagem de iluminação e sonorização.

João Teixeira - artista plástico e cenógrafo: possui grande experiência em treinamento de equipe para montagem cenográfica.

Diógenes Neto - artista plástico e cenógrafo: Especializado em pinturas e grafites. Possui desenhos nos muros do Bairro Santo Antônio Além do Carmo e em outros espaços da cidade.

Léo Furtado – Miniaturista: Especialista em cenários, trabalha nos mínimos detalhes, como poeira, paredes descascadas, objetos minúsculos que reproduzem e/ou criam espaços incríveis. Em 2019, 60 esculturas de vaquinhas da CowParade Brasil, maior evento de arte urbana do mundo, foram espalhadas em Salvador. Uma delas, a obra “Cowseca”, assinada pelo artista Leo Furtado, ficou exposta no Aeroporto, fazendo referências ao cenário da seca no Sertão nordestino. A arte de Léo é reconhecida em todo país e fora dele.

Rebú Produções: empreendedores de gestão de eventos, planejamento, produção e execução, produção musical, fotografia, roteiro e edição de videoclipe.

Fernanda Paquelet - Atriz, Diretora de Artes Cênicas e Consultora: Atuou em produções como Noviças Rebeldes e Estrelas do Orinoco - Prêmio Braskem de melhor atriz (2006). No cinema, atuou em Pau Brasil e no Jardim das Folhas Sagradas. Como Iluminadora participou do espetáculo A Casa de Bernarda Alba - Prêmio Braskem de melhor espetáculo de 2008. Como Diretora, responde por Capitães da Areia e Siricotico - Uma Comédia do Balacobaco. Prêmio Braskem de Melhor Espectáculo Infantil (2013) com Barrinho - o menino de barro. É sócia fundadora do Coletivo 4 e do Galpão Wilson Melo no Forte do Barbalho.

Barracão das Artes – espaço que oferece aulas/oficinas de música e canto, percussão, moda, dança (variadas), artes cênicas, artes circenses, artes plásticas, criação, leitura e produção de textos e de poesias. Atividades ofertadas gratuitamente desde 2012, oferecendo aos jovens e adultos a oportunidade de se inserir no mundo da arte. Dentro do Barracão das Artes funciona o Núcleo do Bando de Teatro Sem Nome (BTSN). Atualmente, o Barracão abriga o Projeto Cultura e Esporte para todos, com aulas de boxe, capoeira, dança, karatê, além dos cursos de artesanato, customização, música e artes circenses.

Apesar da pandemia da Covid-19, artistas e técnicos abrigados no Forte decidiram criar, em 2021, o Instituto Forte. Entre 02 e 26 de agosto de 2021, promoveram um ciclo de 16 oficinas de formação sobre práticas e técnicas artísticas transmitidas gratuitamente na plataforma do Youtube. Nas últimas décadas, o Forte também tem sido palco de muitas produções para o cinema: Começou em 2004, com a produção do filme “Viva o povo brasileiro”, de João Ubaldo Ribeiro.

O Forte do Barbalho abrigou as produções do filme “Capitães de Areia” (2011), de Cecília Amado, também foi central de produção para o longa “Besouro Cordão de Ouro” (2009), de João Daniel Tikhomiroff. Em 2010, foi central de produção para o longa “Trampolim do Forte”, de João Matos. Com direção de Pola Ribeiro, o longa-metragem “O Jardim das folhas sagradas” traz o Forte do Barbalho como parte do cenário, bem como o Forte foi central de produção das filmagens. O enredo discute a preservação do meio ambiente, a intolerância religiosa e o preconceito racial.

Em 2014, o Forte do Barbalho foi central de produção das filmagens do longa “Irmã Dulce”, com direção de Vicente Amorim, abrigou todo equipamento de arte, figurino,

financeiro e sala de ensaio para atores. Além de ser cenário para filmagem de algumas cenas, inclusive a que Irmã Dulce⁵ visita o presídio da Coréia.

3 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Seguindo os caminhos entrecruzados da nossa pesquisa, com o objetivo de divulgar e, principalmente, de ouvir a nossa comunidade do IFBA, Campus Salvador, realizamos três oficinas com os docentes e com os estudantes em fevereiro de 2022, nas quais apresentamos a história e a resignificação do Forte do Barbalho, patrimônio histórico e cultural vizinho bem próximo ao Campus.

Percebemos que, muitos de nós não conhecem o Forte e, muito menos, a comunidade que nos abriga e na qual estamos passando grande parte do nosso tempo. Cabe aqui uma pausa para uma reflexão sobre como nós acadêmicos, servidores, alunos estamos estabelecendo relação com o espaço no qual estamos inseridos. Será essa relação distante, se podemos assim caracterizar, um reflexo das relações fluidas ou lembrando Bauman (2001) líquidas, tanto com os espaços sociais, institucionais, geográficos, quanto com as pessoas, na vida contemporânea?

Essa percepção validou ainda mais a importância da nossa pesquisa no que tange a possibilitar um despertar para o prazer de conhecermos nossas próprias realidades e estabelecermos relação com as condições políticas do presente:

O acesso ao poder político e o crescimento da causa multiculturalista vem da colocação de questões de solidariedade e comunidade em uma perspectiva intersticial. As diferenças sociais não são simplesmente dadas à experiência através de uma tradição cultural já autenticada; elas são os signos da emergência da comunidade concebida como projeto - ao mesmo tempo uma visão e uma construção - que leva alguém para "além" de si para poder retornar, com um espírito de revisão e reconstrução, as condições políticas do presente: (BHABHA, 1998, p 21-22)

Ao tratar das condições políticas do presente e relacionando ao processo de resignificação do Forte do Barbalho é importante destacar as iminentes ameaças de retorno às atividades militares no território. Em contato com os agentes e produtores culturais que ocupam o Forte, soubemos que, apesar do apoio e das ações da Secretaria de Cultura da Bahia (SecultBA), são sempre alertados de que a fortificação pertence à União e, portanto, há intenções, a depender das condições políticas, de um retorno às ações militares e até em prol de medidas antidemocráticas.

Ao possibilitar que a sociedade em geral, sobretudo a comunidade local, tenha conhecimento do Centro de produção cultural em pleno funcionamento no Forte do Barbalho desde a implementação de Incubadora de Economia Criativa⁶, torna-se possível

5 Santa Dulce nasceu no Barbalho, em 1914, na Rua São José de Baixo, 36, fez a primeira comunhão na Igreja de Santo Antônio Além do Carmo e estudou no ICEIA (Barbalho).

6 Incubadora de economia criativa é inaugurada no Forte do Barbalho. <https://g1.globo.com/bahia/noticia/2014/05/incubadora-de-economia-criativa-e-inaugurada-no-forte-do-barbalho.html>. Acesso em 16/03/2022.

uma tentativa de sustentabilidade desse Centro, considerando a participação social em prol de “políticas culturais de caráter democrático que se aproximam das dimensões simbólicas e cidadãs da cultura” (ASCENÇÃO, 2019, p.17).

A economia criativa trabalha com os aspectos da cadeia/rede produtiva de bens das diversas linguagens. Segundo os dados da pesquisa “Salvador Mais Criativa”¹⁰⁹, publicada em 2015, a capital baiana possui em torno de 43 mil ocupados nos setores culturais criativos, o que representa 26% em todo o estado da Bahia. Nesse cenário, os setores em destaque pelo seu potencial de desenvolvimento são: música, audiovisual, gastronomia, festas, celebrações e linguagens culturais.

A cidade possui uma rede da economia cultural e criativa não dirigida - formada por instituições, empresas ou profissionais -, considerada bastante fragmentada. Comunidades ou grupos costumam ser fechados entre si, além da existência de comunidades sem interação com a rede principal, o que diminui as chances de circulação de conteúdos, informações e materiais, de acordo com os dados da mesma pesquisa. (Diagnóstico do Desenvolvimento Cultural de Salvador, 2017, p.77)

Em 17 de março de 2022, em contato com a administração do Forte do Barbalho, soubemos que a SecultBA seguia em negociação com a União para renovação do convênio que permite a utilização do espaço. A União, nesse momento, permite a renovação do convênio não como forma de apoio às ações de cultura⁷, mas como forma de manter o silenciamento (ORLANDI, 2007) do histórico do Forte, sobretudo de sua utilização como principal centro de torturas na ditadura militar.

O Forte do Barbalho é o maior da Bahia, além disso, possui uma belíssima arquitetura e excelente localização. Essas características podem ser consideradas como possibilidades de implantar um museu no Forte, permitindo-o entrar na rota de passeios turísticos do centro histórico de Salvador. Por conta do tamanho de seu território, o funcionamento do museu não impossibilitaria a manutenção das oficinas, dos ateliês e das atividades que ocorrem atualmente. Ao contrário, o museu coexistiria e daria visibilidade para a história, sobretudo para as mazelas da ditadura militar, valorizando a ressignificação do Forte nos últimos anos enquanto centro de produção cultural.

Um Estado – nem máximo, nem mínimo – pode e deve produzir cultura em íntima conexão e sinergia com a sociedade, desde que seja capaz, enquanto arranjo democrático, de garantir, através de variados dispositivos, uma autonomia relativa para os personagens do campo cultural – criadores eruditos e populares, intelectuais, artistas, cientistas etc. – e da sociedade. (RUBIM, 2011, p. 23)

Na atualidade, a União não cria as condições políticas que geram autonomia para

7 “Esvaziamento da pasta de Cultura, extinção do Ministério da Cultura, desmonte da Agência Nacional do Cinema (Ancine), acusações de censura, citações nazistas, alusão à ditadura militar, troca de gestores, moral religiosa para escolha de projetos a serem financiados são algumas marcas da gestão da Cultura do governo Bolsonaro, considerada pelos artistas ouvidos pelo Brasil de Fato Paraná a pior das últimas décadas”. <https://www.brasildefato.com.br/2021/09/30/gestao-da-cultura-do-governo-bolsonaro-e-considerada-a-pior-das-ultimas-decadas-dizem-artistas>. Acesso em 20/03/2022.

os produtores de cultura que ocupam essa fortificação, limitando a utilização do território ao mesmo tempo em que controla a visibilidade de sua história, gerando o silenciamento das práticas terríveis da Ditadura militar na Bahia.

REFERÊNCIAS

ASCENÇÃO, Beatriz Ladislau de. **Caminhos Políticos da Economia Criativa no Brasil**. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO. 2019. http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/beatriz_ladislau_de_ascencao.pdf. Acesso em 16/03/2022.

BATTY, M. et al. Smart cities of the future. **The European Physical Journal Special Topics**. V. 214, n. 1, p. 481–518, nov. 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CRAIG, W. J.; HARRIS, T. M.; WEINER, D. (Org.). **Community participation and geographic information systems**. London: Taylor & Francis, 2002.

Diagnóstico do Desenvolvimento Cultural de Salvador, 2017. http://www.culturaifgm.salvador.ba.gov.br/images/Noticias/julho_2021/Diagnostico_do_Developolvimento_Cultural_de_Salvador.pdf. Acesso em 16/03/2022.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução de Sandra C. Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FLORENTINO, P. V.; PEREIRA, G. C.; ROCHA, M. C. F. City as a social network – Brazilian examples. In: ELLUL, C. et al (Org.). **UDMS 2013 - 29TH URBAN DATA MANAGEMENT SYMPOSIUM**. London: CRC Press/Balkema, 2013.

GOTTSCHALL, Carlota de Sousa; SANTANA, Mariely Cabral de. **Cultura e sociedade no antigo centro de Salvador**. Disponível em http://www.cult.ufba.br/enecult2007/CarlotaDeSousaGottschal_MarielySantana.pdf. Acesso em 15 de agosto de 2020.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere** – Vol. 1. Introdução ao Estudo da Filosofia. A Filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

MITCHELL, W. J. **E-topia - A Vida Urbana - Mas Não Como a Conhecemos**. [S.l.]: Senac, 2002.

MURGANTE, B. et al. Using participative GIS and e-tools for involving citizens of Marmo Platano-Melandro area in European programming activities. **Journal of Balkan and Near Eastern Studies**. V. 13, n. 1, p. 97–115, mar. 2011.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: No movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 15ª Edição. 2002.

PEREIRA, G. C.; FLORENTINO, P. V.; ROCHA, M. C. F. Accessing the city through new forms of sociability - examples of use of digital social networks in Brazil. **Território Itália**. N. 2, jan. 2015.

RISÉRIO, Antônio. **Viver a cidade, transformar a vida urbana**. São Paulo: ECidade, 2020. 36 p.; Digital. – (Outras palavras; v.1).

RUBIM, Antônio Albino Canelas. Crise e políticas culturais. In: BARBALHO, Alexandre [et al.], organizadores. **Cultura e desenvolvimento: perspectivas políticas e econômicas**. Salvador: Edufba, 2011. 287 p. (Coleção cult).

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. 6ª edição. São Paulo: Record, 2001.

(Auto)biografia 91, 95, 96, 97, 101

(Músico)biografia 91, 98

A

Ajustes 80, 81, 82, 85, 90

Arquivos 10, 11, 57, 85

Arte 2, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 29, 31, 39, 41, 43, 54, 56, 57, 61, 64, 73, 74, 76, 79, 85, 91, 92, 96, 99, 107, 108, 116, 117, 120, 137, 155, 158, 159, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174

B

Bahia 36, 43, 44, 58, 78, 103, 104, 108, 109, 110, 111, 151, 152, 155, 157, 158, 160, 161, 162

C

Caminhos culturais 151, 152, 153, 155

Canto 46, 47, 50, 53, 67, 73, 159

Corporalidade 1, 2, 3, 52

Criação 2, 3, 5, 6, 8, 11, 13, 14, 16, 42, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 61, 62, 68, 74, 76, 82, 83, 109, 118, 119, 130, 145, 147, 155, 159, 162, 167, 170, 171

Cultura 2, 7, 10, 15, 16, 18, 26, 30, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 79, 80, 85, 93, 103, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 116, 117, 118, 119, 121, 123, 130, 135, 137, 138, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 174

D

Descrição 29, 80, 82, 84, 88, 89, 108, 112, 124, 166, 169

E

Educação 9, 12, 45, 59, 77, 80, 82, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 101, 102, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 126, 127, 133, 135, 136, 137, 138, 141, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 155, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 173, 174

Educação patrimonial 118, 119, 120, 121, 122, 126, 127, 133, 135, 136, 138, 141, 147, 148, 149, 150

Ensino coletivo de trombone 58, 70

Entrevista narrativa 91

Escola 8, 12, 13, 34, 83, 87, 92, 93, 97, 98, 99, 100, 111, 113, 115, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 136, 137, 140, 142, 146, 149, 162, 164, 165, 166, 167,

168, 169, 170, 171, 172

Extensão 20, 80, 81, 82, 84, 85, 88, 89, 90, 108, 109

F

Fala 5, 7, 39, 41, 42, 53, 55, 65, 66, 69, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 116, 117, 130, 132, 143

Formação 11, 14, 15, 38, 39, 41, 45, 58, 59, 60, 62, 65, 67, 69, 70, 73, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 83, 85, 88, 90, 91, 94, 95, 97, 98, 99, 102, 104, 114, 115, 118, 119, 125, 127, 130, 131, 134, 143, 148, 150, 159, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173

Formação do ator 58, 62, 65, 67, 70, 73, 76, 79

Forte do Barbalho 151, 152, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161

H

História de vida 91, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102

I

Identidade cultural 44, 118, 129, 130, 139, 140, 141

IFBA 151, 152, 154, 160

L

Lavras - MG 140

Linguagem 103, 104, 105, 116

M

Memória 1, 9, 11, 21, 26, 39, 42, 45, 47, 62, 63, 64, 65, 75, 109, 113, 114, 116, 117, 118, 120, 124, 127, 130, 131, 132, 135, 139, 141, 142, 144, 145, 148, 155, 165

Mimesis corpórea 1, 2, 3, 4

Modelo Teórico CDG 58, 60

Museus 10, 11, 15, 16, 17, 18, 153, 155

P

Pandemia 17, 80, 81, 82, 85, 90, 104, 159

Patrimônio 11, 16, 17, 18, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 153, 156, 160

Patrimônio cultural 16, 18, 118, 119, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149

Perdões - MG 129

Performance 1, 2, 3, 6, 8, 9, 48, 53, 55, 56, 62, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 87, 88, 89, 90

Pertencimento 22, 28, 98, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 152, 166

Práticas interpretativas 58, 59, 61, 63, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 81, 90

Preservação 10, 15, 17, 113, 118, 120, 121, 122, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 141, 143, 147, 148, 149, 159

Processos 2, 5, 6, 7, 34, 38, 46, 47, 48, 49, 51, 56, 57, 66, 72, 82, 83, 84, 85, 94, 106, 152, 154, 155, 162, 164, 165, 166

Professor de música 91, 94, 99, 100, 101

Proposta Musicopedagógica CDG 58, 78

Proteção 122, 128, 129, 131, 137, 143, 148

R

Roda de samba 1, 2, 3, 4, 5, 9

S

Salvador 40, 43, 58, 78, 111, 116, 117, 151, 152, 154, 155, 156, 159, 160, 161, 162, 163

Samba 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 41, 42, 43, 153

Sertão de Canudos 103, 104, 113, 116

T

Teatro de formas animadas 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19

ARTE E CULTURA:

PRODUÇÃO, DIFUSÃO E REAPROPRIAÇÃO 3



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2023

ARTE E CULTURA:

PRODUÇÃO, DIFUSÃO E REAPROPRIAÇÃO 3



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2023